

Enquadramentos em narrativas jornalísticas: comparações entre a revista *O Cruzeiro* e o *Jornal do Commercio de Pernambuco*¹

Frames in journalistic narratives: comparisons between the magazine O Cruzeiro and Jornal do Commercio de Pernambuco

Karolina de Almeida CALADO²

Resumo

O presente artigo discute como diferentes tipos de narrativas jornalísticas se desenvolvem a partir da lógica do enquadramento, que neste trabalho se restringe a tipos estruturais e códigos padrões de narração. Questiona-se, portanto, como se dão tais enquadramentos. Como se escolhe desenvolver um tipo de narrativa respeitando determinados códigos estabelecidos socialmente? Como objeto, tem-se o *Jornal do Commercio de Pernambuco*, na web; e a revista *O Cruzeiro* nas décadas de 40, 50 e início de 60. Para fundamentar o trabalho, recorreu-se a Sádaba (2001), Berger e Lukmann (1995), Sodré e Ferrari (1986) e Casadei (2013). De forma generalizante, pode-se afirmar que há diferentes formas de enquadramentos socialmente convencionadas pelo jornalismo.

Palavras-chave: Enquadramento. Narrativas Jornalísticas. Estrutura Discursiva.

Abstract

This article discusses how different types of journalistic narratives are developed from the framing of logic, that this work is restricted to structural types and code narration standards. Wonders, therefore, how to give such framing. How you choose to develop a type of narrative respecting certain codes established socially? As an object, has *Jornal do Commercio de Pernambuco*, web; and the magazine *O Cruzeiro* in the 40, 50 and early 60. To support the work, we used to Sádaba (2001), Berger and Lukmann (1995), Sodre and Ferrari (1986) and Casadei (2013). In generalizing way, it can be said that there are different forms of socially agreed frameworks for journalism.

Keyword: Framing. Journalistic Narratives. Discursive Structure.

¹ O trabalho foi anteriormente apresentado no GP Gêneros Jornalísticos do XVI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Jornalismo, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: karolinacalado@gmail.com

Introdução

Todos os dias, as pessoas no mundo inteiro recebem diversas narrativas jornalísticas com as mais variadas versões dos fatos. Como se dão tais enquadramentos? Como se escolhe desenvolver um tipo de narrativa respeitando determinados códigos estabelecidos socialmente? A partir desses questionamentos, o presente artigo busca discutir as formas de apresentação do texto, seja no início do século passado ou no início deste século. Analisou-se um conjunto de matérias coletadas em 2013, no *Jornal do Commercio de Pernambuco*, e reportagens da revista *O Cruzeiro*, em seu auge, nas décadas de 40, 50 e 60.

A análise está ancorada, principalmente, em Sádaba e Berger e Luckmann, que discutem as formas de enquadramentos sociais peculiares a todos os indivíduos; por Sodré e Ferrari, além de Casadei, que enfatizam o campo do jornalismo.

A narrativa é identificada no jornalismo por meio dos seus mais diversos gêneros: reportagem, crônica, livro-reportagem, entre outros; e também pelas características pertinentes ao texto narrativo, como o enquadramento no tempo (*crono*) e no espaço (topo), o *cronotopo*. "A técnica na dosagem do tempo da narrativa talvez seja o aspecto mais importante para que uma história (ou reportagem) mantenha as características de tensão — e conseqüentemente o interesse do leitor" (SODRÉ e FERRARI, 1986, p. 95). Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari (1986) estabelecem dois tipos de tempos na narrativa: o tempo da história, orientado por expressões como manhã, tarde ou noite; e o tempo do texto, medido pelo ritmo da reprodução dos fatos, a exemplo de acelerado ou lento, a depender do efeito que se queira obter na narração (SODRÉ e FERRARI, 1986, p. 95).

Além dos gêneros, conforme se verá a seguir, há também outros tipos de enquadramentos nas narrativas.

1 Formas de enquadramentos

O enquadramento não se restringe à atividade jornalística. Bateson citado por Sádaba diz que o enquadramento é inerente ao processamento cerebral dos indivíduos,

ou seja, faz parte dos fatores psicológicos e sociológicos que orientam os indivíduos a selecionar determinados assuntos (SÀDABA, 2001).

Todos os indivíduos precisam fazer enquadramentos no momento de contar uma história. No caso jornalístico, há um preparo, uma metodologia para aperfeiçoar tal objetivo. “O mundo necessita de frame para sua compreensão. O jornalista sabe como apresentar de maneira inteligível um significado” (SÀDABA, 2001). No jornalismo, desenvolve-se um conteúdo, enquadrando-o de forma a oferecer à audiência algo compreensível.

Além do formato e da legibilidade, há a preocupação com o universo compartilhado, a partir das relações intersubjetivas de acordo com Luckmann e Berger (1995): “A vida cotidiana apresenta-se como uma realidade interpretada pelos homens e, de modo subjetivo, dotada de sentido para eles, na medida em que forma um mundo coerente” (p. 31). Corcuff diz que: “Berger e Luckmann argumentam que a sociedade – realidade objetiva e subjetiva – em seu processo duplo de externalização e objetivação, baseia-se no conhecimento comum tipificador e nas interações face a face, com o qual se alimenta o processo de institucionalização do modo amplo” (CORCUFF, 2001).

Nada é totalmente subjetivo, nem totalmente objetivo. É um acordo inconsciente das duas concepções de mundo. Para compreendermos o mundo, fazemos enquadramentos e tipificações segundo Schutz. “O enquadramento não só aparece nos textos, mas de algum modo se encontra também no emissor, no receptor ou por onde aparece a mensagem” (SÀDABA, 2001). Ainda para Corcuff: “por meio de fenômenos de cristalização de tipificações e hábitos, as instituições adquirem força, estabilidade e se especializam. Os atores desempenham diferentes papéis sociais” (2001).

A partir da mesma ideia de enquadramento, para Muniz Sodré e Ferrari, além dos gêneros, há determinados tipos estruturais que diferenciam notícias e reportagens conforme veremos a seguir, as quais possuem diferentes características. Estas, por sua vez, cíclicas, fizeram parte do jornalismo no século XX e retornam novamente. Aos tipos estruturais, somam-se nesta análise os conceitos de códigos padrões de narração trazidos pela autora Eliza Casadei (2013) ao pesquisar as narrativas de revista no século XX.

1.1 Tipos estruturais narrativos

A estrutura discursiva enquadra a informação em diferentes tipos e modelos. De acordo com Sodré e Ferrari (1986), as narrativas podem ser divididas em quatro tipos; o que as distingue é a forma como abordam determinados assuntos, sendo cada tipo capaz de: anunciar, enunciar, denunciar ou pronunciar. O primeiro se refere apenas à explanação dos fatos; o segundo diz respeito à maneira como o repórter tem de construir uma notícia com base no discurso oculto: "exprime a manifestação desses fatos através de um discurso que se oculta como discurso: não se percebe que há alguém narrando; mais parece que os acontecimentos têm vida própria e se exibem diante do leitor" (SODRÉ e FERRARI, 1986, p. 21). Em relação aos tipos que denunciam e pronunciam, os autores lembram que isso acontece quando os repórteres se colocam no texto e exercem uma clara subjetividade: "mais que o anúncio ou simples enunciar dos fatos, as notícias-pronúncia e denúncia informam *sobre um tema*, numa abstração que visa formar um conceito de natureza ideológica" (SODRÉ e FERRARI, 1986, p. 32). Diferentemente do tom denunciante da denúncia, a pronúncia se refere ao jogo manipulador por meio da construção do texto, depositando nele um juízo de valor.

Além da forma dos critérios de narração relacionados à subjetividade ou objetividade, há ainda alguns critérios referentes ao esquema de reportagem. Os autores lembram que o tipo de esquema mais comum é o da pirâmide invertida; mas há espaço para o cronológico, o qual pode ser representado pelo "nariz de cera". Há denominações para cada modelo ou modo hierárquico das narrações, entre eles a reportagem de fatos (*fact-story*), que apresenta os fatos pela ordem de importância; a reportagem ação (*action-story*), na qual, tomado pelo movimento, o repórter vai detalhando os fatos durante a ação, comum em reportagens televisivas ou em notícias online; e a reportagem documental (*quote-story*), que informa sobre um determinado assunto de forma mais objetiva, incluindo citações.

As reportagens são gêneros narrativos que por conta do seu cunho social e do seu lugar de fala, desenvolveram, ao longo do século passado, algumas técnicas para tentar esconder a subjetividade de quem conta a história no jornalismo. Entre as técnicas, podem ser citadas: incorporação do lead, inclusão de falas de fontes com

posicionamentos contrários, “imparcialidade” no envolvimento com as fontes e com a história dos personagens, utilização cada vez menor do *new journalism*, entre outros. Essas “normas” formam um conjunto de leis próprias ou códigos convencionados e compartilhados por profissionais do jornalismo.

Eliza Casadei (2013) analisou as narrativas das revistas jornalísticas no século passado e identificou características socialmente compartilhadas nos modos de narrar, denominando-as de códigos padrões de narração, os quais também se referiam “aos significantes que deveriam ser acionados para que um material pudesse ser classificado como ‘reportagem’ e referendado enquanto tal” (CASADEI, 2013, p. 239). Segundo a autora, os códigos mudam conforme a época histórica e são flexíveis em termos de sua apropriação em períodos posteriores.

2 Aspectos metodológicos

Escolheu-se uma matéria significativa dos textos do *Jornal do Commercio de Pernambuco*, oriunda do período de coleta, de junho a dezembro de 2013, para explicar o funcionamento dos tipos estruturais elaborados por Sodré e Ferrari, além dos códigos padrões de narração discutidos por Eliza Casadei na revista *O Cruzeiro*.

A reportagem do *Jornal do Commercio* representa um novo tipo de conteúdo que tem crescido nas reportagens de sites jornalísticos e jornais impressos. São textos que vão muito além do simples lead, que dão um novo foco para um assunto ou aprofundam o mesmo.

De forma comparativa, fez-se uma análise das narrativas de ambos os veículos, *O Cruzeiro e o Jornal do Commercio de Pernambuco*, atendo-se aos códigos padrões de narração.

3 Análise

3.1 A revista *O Cruzeiro*

A revista *O Cruzeiro* foi criada em 1928 pelo jornalista Assis Chateaubriand, sendo um verdadeiro sucesso de vendas. Esse veículo chegou a ser o principal meio de

comunicação na década de 50, chegando a vender nessa mesma época, aproximadamente 700 mil exemplares por semana. Conseguiu também exportar uma versão em espanhol para a América Latina (SCALZO, 2004, p. 30). Abaixo, a citação do texto de Maria Celeste Mira (2001) sobre o que significou a revista *O Cruzeiro* no século passado:

Nos anos 30, 40 ou 50, quando se buscava numa revista informação, cultura ou entretenimento, lia-se, muito provavelmente, *O Cruzeiro*, publicação dos Diários Associados que reinou durante três décadas sobre suas fracas concorrentes no mercado. *O Cruzeiro* trazia um pouco de tudo e se dirigia a todos, homens e mulheres, jovens ou não, longe da preocupação hoje obrigatória de descobrir as preferências de cada um, seus gostos, expectativas ou estilos de vida. Era a revista da família brasileira. (...) Cada exemplar encontrava os mais diversos tipos de leitores dentro da mesma casa, percorrendo, como se vê, diferentes sexos, idades e classes sociais. (MIRA, 2001, p. 13)

Mira (2001) lembra que a revista *O Cruzeiro* foi criada para atuar de forma estratégica na campanha de Getúlio Vargas, referindo-se a Chateaubriand, ela comenta: “segundo o relato de Fernando Moraes, os dois teriam arquitetado a publicação da revista para ser o veículo nacional da campanha da Aliança Liberal”. (...) Tornou-se uma das revistas de maior vendagem na história do país, quanto mais para sua época” (2001, p. 23). A autora acrescenta que 50 mil exemplares circularam inicialmente. Em 1945, de acordo com pesquisa encomendada pelos Diários dos Associados, a revista *O Cruzeiro* era lida por 37,7% da população do Rio de Janeiro (DF, na época).

A revista *O Cruzeiro* se lança no movimento de modernização pelo qual o país passava naquele momento (MIRA, 2001, p. 13). “O Cruzeiro realizou a transição entre as revistas criadas num momento em que jornalismo e literatura se confundiam, no início do século XX, e aqueles que viriam a ser produzidos nos moldes da indústria cultural, a partir dos anos 60”, (MIRA, 2001, p. 13-14). Além de grandes reportagens diferenciadas pelo uso da fotografia, havia textos como contos e crônicas. Essa revista também cuidava de seu aspecto visual a fim de tornar seu conteúdo mais atraente. Fizeram parte da revista *O Cruzeiro* pessoas como Raquel de Queiroz, Gilberto Freyre, Millôr Fernandes e grandes repórteres como David Nasser e fotógrafos como Jean Manzon. Seus repórteres e fotógrafos eram celebridades.

A fotografia foi utilizada de forma intensa nas reportagens dessa revista, conforme figura 1. “Toda matéria era, antes de mais nada, imagem. Em geral, uma grande reportagem era aberta com uma fotografia de página inteira, o título e os nomes de seus dois realizadores” (MIRA, 2001, p. 24). Nesse momento, as reportagens também são feitas a partir da lógica “dobradinha” ou repórter-fotógrafo, em que um profissional escreve e outro fotografa. *O Cruzeiro* tinha a dupla famosa: David Nasser e Jean Manzon.

Figura 1 – uso da imagem sendo explorado na revista *O Cruzeiro*.



Fonte: *O Cruzeiro* obtida pelo site GGN-Jornal de Todos os Brasis.

De acordo com Maria Celeste Mira, *O Cruzeiro* veio a falir por conta de má administração nos anos 70.

A revista *O Cruzeiro*, conforme cita Casadei (2013), exerceu grande influência nos modos de narrar a partir dos anos 40 do século passado, inclusive, sendo importante no desenvolvimento do jornalismo investigativo. Eliza Casadei (2013) ressalta que para ampliar a compreensão sobre o tipo de reportagem que emergiu nesse período, é necessário perceber o seu contexto de produção. Entre os aspectos favoráveis, estão: profissionalização da atividade profissional e modernização das redações (CASADEI, 2013).

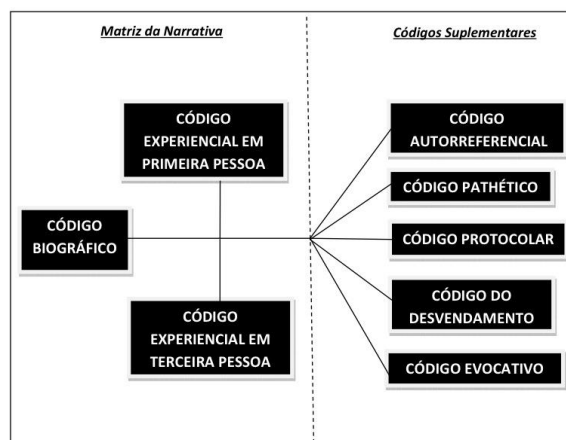
3.1.1 Códigos padrões de narração na revista *O Cruzeiro*

A revista *O Cruzeiro* passou por importantes transformações em seu modo de narrar no período de sua existência. Casadei (2013) ressalta que cada período histórico traz consigo diferentes formas de se produzir reportagens, de se convencionar o que se pode chamar por reportagem, ou seja, como esse tipo de gênero jornalístico deverá ser escrito. Para tanto, a autora (2013) elenca alguns códigos padrões de narração para diferentes revistas ao longo do século XX, entre as quais, encontra-se a revista *O Cruzeiro*, analisada nas décadas de 40³, 50 e 60.

Abaixo, a ilustração dos códigos que “dizem respeito aos modelos estéticos socialmente compartilhados e referendados pelo grupo mais amplo dos jornalistas a respeito do modo como uma reportagem deveria ser escrita” (CASADEI, 2013, p. 239). Eles não são estáticos, e é possível perceber a utilização de códigos atuais em épocas anteriores. Nessa perspectiva, há códigos que constituem uma matriz narrativa, exercendo o papel de principal na estrutura narrativa e há outros que exercem o papel suplementar. Em seguida, o quadro 1 ilustra melhor a relação entre os diferentes códigos.

³ De acordo com Casadei (2013), é também nesse período que se cria os cursos de Jornalismo no país, a partir do decreto assinado por Getúlio Vargas em 13 de maio de 1946, tendo seu primeiro curso fundado pela Faculdade Cásper Líbero em 1947. A atividade se torna profissional, desenvolvendo seu teor técnico e padronizado desde então.

Quadro 1: esquema dos códigos padrões de narração utilizados pela revista *O Cruzeiro* nas décadas analisadas de 40 a 60.



Fonte: (CASADEI, 2013, p. 288).

O código experiencial em terceira pessoa resume o enquadramento de fontes testemunhais que direta ou indiretamente tinham alguma relação com o fato narrado, “a dimensão da experiência, assim como no caso dos repórteres, era fundamental para que uma fonte figurasse nas páginas de *O Cruzeiro*” (CASADEI, 2013). Já o código experiencial em primeira pessoa se refere ao processo de subjetividade na narrativa. O repórter participa do acontecimento e relata sua experiência. Vê-se, como exemplo ilustrativo, um trecho da reportagem “O drama do açúcar” escrito em primeira pessoa por Edmar Morel com fotografias de Edgard Medina. A reportagem relata a experiência do repórter ao visitar a usina de cana-de-açúcar no interior fluminense. Ele demonstra indignação ao se deparar com a exploração da mão de obra dos trabalhadores. “Após quatro séculos da fundação do engenho de açúcar, em São Vicente, em São Paulo, passei um dia numa usina dêste produto, no interior fluminense, justamente em Campos, que tem um solo privilegiado à cultura da cana” (O CRUZEIRO, 23/11/1946).

Para Eliza Casadei (2013, p. 266), outro código que pode ser identificado na revista *O Cruzeiro* é o biográfico, o qual se refere à forma como se aborda a apresentação da personagem na narrativa, ditando como o narrador quer que o personagem seja visto em tal trama. Portanto, “diz respeito a um tipo de tratamento do personagem a partir do qual o repórter (enquanto narrador) destaca aspectos da vida do retratado não necessariamente vinculados ao tema da reportagem, mas que compõe com ela uma imagem em torno do narrado” (CASADEI, 2013, p. 266). A citação abaixo foi

extraída do texto “Justiça para Lampião”, do repórter João Martins, esse busca abordar a necessidade de expôr as cabeças dos cangaceiros Maria Bonita e Lampião, no Museu do Instituto Nina Rodrigues em Salvador. No trecho a seguir, o repórter descreve a filha de Lampião e Maria Bonita, Expedita, que lutava para conseguir sepultar os membros expostos de seus pais. “Expedita é uma senhora calada, calma, que apresenta traços fisionômicos do seu famoso pai. Cria os seus filhos com carinho, vive feliz com o seu marido e naturalmente confia que as cabeças dos seus genitores sejam restituídas à família e dadas à sepultura” (O CRUZEIRO, 06/06/1959).

Já o código denominado de autorreferencial faz alusão à reportagem ou ao processo de produção da mesma. “Trata-se, portanto, de uma reportagem que, em determinados momentos, reflete sobre a própria reportagem (seja em seu próprio trabalho de construção textual, seja em nível prático em termos de apuração)” (CASADEI, 2013, p. 182). O trecho da reportagem “O drama da cana-de-açúcar” abaixo é um exemplo desse código:

Retomando o fio da reportagem, interrompida quando os cortadores deixam o produto no carro de boi, com capacidade para 4.000 quilos, vejo agora a cana ser trasladada para a “grade”, vagão em forma de uma gaiola, sem teto, serviço que é feito pelos próprios carreiros, com o auxílio dos negrinhos de pastoreio. (O CRUZEIRO, 23/11/1946)

Na lista, há ainda o código *pathético* que se relaciona à forma como o narrador, a partir de suas técnicas discursivas, procura atingir a emoção do leitor, levando-o a desenvolver determinado juízo de valor a respeito do tema tratado, “um excesso emotivo é mobilizado a partir de elementos discursivos tais como a adjetivação subjetiva – ou seja, que classifica o substantivo colocando-se explicitamente dependente de um julgamento pessoal e valorativo” (CASADEI, 2013, p. 198). Como exemplo ilustrativo, vê-se:

Ao contrário da lavoura do cacau, do milho, do arroz, da uva, a da cana é de profunda melancolia. Basta ouvir o gemido dos carros de bois, que em procissões cortam os canaviais, rumo às margens do caminho férreo. O seu cântico é uma toada pungente, levado ao sôpro do vento. E ao longo da planície verdejante, escuto o poema da minha infância: -“

Carro de boi do meu sertão
Sempre cantando, na mesma calma^[11]

Que até parece assim ter alma ^[...]_{SEP}
Que até parece ter coração”. (O CRUZEIRO, 23/11/1946)

Outro exemplo da revista *O Cruzeiro* é a utilização do código protocolar que se relaciona à forma como se convencionou utilizar falas testemunhais de fontes oficiais ou mesmo oficiosas, em situações como cobertura de eventos. Tais falas são reproduzidas por citação direta, “na ocasião de um discurso proferido em um evento, reproduzindo, na narrativa, os protocolos articulados como mero *registro* de um ato público ou de uma deliberação pública” (CASADEI, 2013, p. 207).

Há ainda o código de desvendamento. Ele é utilizado quando se quer oferecer um olhar diferenciado para o tema tratado, quer trazer à tona novos aspectos descobertos: “a esses momentos da narrativa em que a trama principal é entrecortada por uma explicitação da imagem de si construída pela revista e marcada pela ótica da novidade e da descoberta, daremos o nome de código do desvendamento” (CASADEI, 2013, p. 274).

O código evocativo expressa o fato de o narrador trazer o leitor para o texto, de estabelecer um diálogo com este, o qual é denominado de leitor empírico. Para exemplificar, mais uma citação do texto “O drama do açúcar”:

Agora, o leitor tenha um pouco de boa vontade com as cifras. De cada 1.500 quilos de cana, (por cujo corte o trabalhador recebe Cr\$ 15,00) as usinas, de modo geral, produzem 90 quilos de açúcar e 12 de álcool. Pela tabela nova, a fim de regular a safra de 1946-1947, numa média do rendimento industrial de cada usina, que varia de 77,22 a 115,70, uma tonelada de cana custa 98 cruzeiros (...) O leitor, como todo cidadão civilizado, vive às voltas com as filas de leite, carne, pão, banha, fósforo, açúcar e deve ter um cupom de racionamento, pelo qual tem direito de comer um quilo de açúcar, em cada 15 dias. Saiba, então, que só em Campos, às portas da Capital Federal, por falta de transportes, estão armazenados mais de um milhão de sacas de açúcar, pois o único meio de condução viável é o ferroviário e a Leopoldina Railway, êste ano, principalmente, não tem podido atender as necessidades da exportação. (O CRUZEIRO, 23/11/1946)

Ressalta-se que em relação aos tipos estruturais descritos por Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari (1984), conforme citados acima, tanto a reportagem sobre o trabalho no corte da cana-de-açúcar, quanto a reportagem sobre a reivindicação da filha

de Lampião possuem os tipos estruturais de denúncia, nos quais se percebe o jogo subjetivo nas argumentações do narrador.

3.2 *Jornal do Commercio de Pernambuco*

O *Jornal do Commercio* criado pelo político e jornalista F. Pessoa de Queiroz é parte do Sistema *Jornal do Commercio* de Comunicação, dirigido desde 1987 pelo empresário João Carlos Paes Mendonça. Faz parte desse grupo a *Rádio Jornal AM*, *Rádio JC News*, a *TV Jornal* (afiliada ao SBT) e o portal NE10.

O Jornal é um dos mais importantes do Estado de Pernambuco e do Brasil. Considerado um dos maiores jornais em circulação paga pela Associação Nacional de Jornais, com uma média de circulação de 41.239.

3.2.1 Presença dos códigos padrões de narração e tipos estruturais no *Jornal do Commercio*

No *Jornal do Commercio* se percebe que a proposta é diferente, não se tem a preocupação de construir narrativas rebuscadas, mas mesmo assim, identificou-se no período de análise, uma reportagem em que o repórter se coloca de forma a se pronunciar sobre o assunto. Na reportagem “Três anos após cheia na Mata Sul, só 20% das casas prometidas foram entregues”, verifica-se também a relação com o *código pathético*.

Aqui o modelo narrativo analisado é uma reportagem da web. Ela é relativamente extensa, reunindo foto, vídeos com informações e falas de personagens.

O texto retrata a situação dos moradores da região da Mata Sul depois da enchente que atingiu essa região em 2010. Seu foco é o atual descaso do governo do Estado em relação à entrega de novas casas e a condição subumana em que vivem as pessoas naquela região.

A reportagem é alternada com falas de personagens que conseguiram uma nova habitação e outras que estão se arriscando em antigas moradias. No texto se apresentam números, entrevistas e imagens do lugar; além de vídeos hospedados no Uol e YouTube (figura 2).

Figura 2 – tela do *Jornal do Comercio* com a imagem da reportagem analisa.



Fonte: captura de tela realizada em 01 de junho de 2013.

A reportagem é narrada de forma descritiva. O que subentende o modelo “ação” (*action-story*, FERRARI e SODRÉ, 1986) é por que o texto dá a impressão de que as ações acontecessem no momento em que se lê, mais parece uma reportagem televisiva. As expressões do texto do repórter Wagner Sarmiento mostram não apenas indignação, mas humanização. Podendo se destacar os seguintes trechos do texto:

- "A histórica cheia levou casas, móveis, pertences e uma paz que ainda não foi devolvida.
- Retomaram a vizinhança com o perigo e passaram a viver em condições precárias, em residências capengas às margens do Rio Una.
- Pelas ruas, a impressão que dá é que o tempo não passou. Entulhos podem ser vistos a cada esquina. Imóveis sem telhado, portas e janelas denunciam o passado do qual a cidade não consegue desatar.
- Em Barreiros, Palmares e Água Preta, a teimosia do povo é remédio contra a lentidão do poder público. Só 20,41% das habitações prometidas foram entregues. A solução foi fazer o caminho de volta para o que sobrou das antigas casas, às margens do Una, foz de seus dramas e pesadelos.

- Sandro Gonçalves da Silva, 38, morava na beira do rio com a esposa e cinco filhos. Perdeu tudo na cheia de Barreiros. Roupas, móveis e eletrodomésticos. Bombeiro voluntário, se danou a ajudar outras pessoas. (*JORNAL DO COMMERCIO*, 2013)

Apesar de parecer do tipo enunciação, a reportagem é do tipo pronúncia, porque o repórter demonstra preocupação em relação à temática abordada transmitindo um tom dramático, além de expor seu juízo de valor.

Observou-se também, durante o período da pesquisa, várias grandes reportagens como a intitulada "Ave Maria"⁴, divulgada em maio de 2013, a qual fazia uma analogia ao mês conhecido pelo catolicismo como "mariano", ou mês de Maria. Reuniu casos de mulheres com nomes de santas que foram assassinadas de forma violenta. Nela, há diferentes adjetivos e presença do forte juízo de valor da repórter.

Conclusão

Finalmente, podemos considerar que as formas de enquadramentos são diversas no meio jornalístico. Primeiro passa por uma questão sociológica/psicológica, por gêneros, por tipos estruturais no momento em que o repórter elabora seu texto, procurando se colocar de forma mais explícita ou implícita e, por último, de acordo com os denominados códigos padrões de narração que demonstram regras que os repórteres lançam mão.

Esses códigos atravessam gerações, estão presentes desde os primórdios da atividade jornalística. Percebe-se nos exemplos aqui colocados tanto em revistas do século passado, como em veículos de comunicação do contexto contemporâneo.

Procurou-se restringir a ideia de enquadramento do ponto de vista metodológico, não passando pelo crivo de questões ideológicas na construção da realidade social. Espera-se que o presente texto colabore para que outras pesquisas tanto do ponto de vista discursivo quanto textual possam surgir para enriquecer a qualidade

⁴ A reportagem é investigativa e relata casos envolvendo mulheres cujos nomes eram Maria Aparecida, Maria da Conceição, Maria do Socorro, Maria da Penha, Maria de Fátima, Maria do Carmo, Maria das Dores, Maria Madalena e Maria de Lourdes. O pdf está aberto e pode ser lido online. Disponível em: < <http://issuu.com/especiaisjc/docs/avemaria?e=8326887/2535800> > Acesso em 02 de abril de 2014.

do debate sobre textos jornalísticos, com um cunho cada vez mais crítico em relação as formas de se enquadrar a notícia.

Referências

BERGER, P. I., LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

CASADEI, E. B. **Os códigos padrões de narração e a reportagem**: por uma história da narrativa do jornalismo de revista no século XX. São Paulo, 2013, 467 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação). Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 2013.

CORCUFF, P. **As novas sociologias**: a construção da realidade social. EDUSC: Bauru, 2001.

LUNA, Diógenes D'Arce Cardoso de. **Hipertextualidade na construção do sentido das notícias na web**: um estudo do portal de notícias JC Online. Recife: 2010. 120 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Centro de Artes e Comunicação. Universidade Federal de Pernambuco, 2010.

MIRA, Maria Celeste. **O leitor e a banca de revistas**: a segmentação da cultura no século XX. São Paulo: Olho d'Água/FAPESP, 2001.

SÀDABA, Teresa. Origen, aplicacion e limites de la "teoria del encuadre". **Comunicación y sociedad**. V. XIV, n. 2, p. 143-175, Pamplona, 2001.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de revista**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem**: notas sobre a narrativa jornalística. São Paulo: Summus, 1986.

Ave Maria. O pdf está aberto e pode ser lido online. Disponível em: < <http://issuu.com/especiaisjc/docs/avemaria?e=8326887/2535800> > Acesso em 02 de abril de 2014.

Imagens da reportagem CCC ou comando do terror. Disponível em: < <http://jornalggn.com.br/blog/tamara-baranov/reportagem-da-revista-'o-cruzeiro'-sobre-o-ccc> > Acesso em 19 de maio de 2014.

Reportagens da revista **O Cruzeiro** acessível no site Memória Viva. Disponível em: < <http://www.memoriaviva.com.br/ocruzeiro/> > Acesso em 20 de fevereiro de 2014.

Reportagem: "Três anos após cheia na Mata Sul, só 20% das casas prometidas foram entregues". Disponível em: < http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cidades/geral/noticia/2013/06/01/tres-anos-depois-da-enchente-na-mata-sul-so-20_porcento-das-casas-prometidas-foram-entregues-85044.php > Acesso em 01 de junho de 2013.